

NÓDOAS BANDEIRIANAS EM “EU SOU EGOÍSTA”, DE RAUL SEIXAS

Dilson César Devides*

Resumo: Com base na teoria do *POETA SÓRDIDO*, que se encontra no poema NOVA POÉTICA (Manuel Bandeira), este artigo tem por finalidade estabelecer um diálogo entre o mencionado texto e a letra da canção EU SOU EGOÍSTA, de Raul Seixas. Os dois textos trazem marcas de um poema sem beleza e lirismo, preocupado mais com a representação da realidade, deixando assim, o texto desprovido de sentimentalismo exacerbado.

Resumen: Con base en la teoría del *POETA SÓRDIDO*, que se encuentra en el poema NOVA POÉTICA (Manuel Bandeira), este artículo tiene por finalidad establecer un diálogo entre el dicho texto y la letra de la canción EU SOU EGOÍSTA, de Raul Seixas. Los dos textos traen señales de un poema sin belleza y lirismo, preocupado más con la representación de la realidad, dejando así, el texto desprovisto de exceso sentimental.

Palavras-chave: Manuel Bandeira; Raul Seixas; poeta sórdido; nova poética.

Palabras-clave: Manuel Bandeira; Raul Seixas; poeta sórdido; nueva poética.

A presença de elementos literários na linguagem da canção brasileira contemporânea é inegável e merece consideração

Charles A. Perrone¹

1. Convergência

Penoso para muitos e fruto de trabalho árduo para outros, o texto poético perfez um trajeto longo. Parte de Aristóteles o conceito de mimesis, passa por T.S. Eliot e Poe que

* Professor do ensino médio da rede particular de ensino do estado de São Paulo

reforçam o labor poético, mas reconhecem a forte presença de um eu lírico, um pouco mais adiante há a diferenciação do eu real do poeta daquele que está no texto e temos, então, o *fingimento* pessoano.

Dentre as teorias poéticas existentes, textos científicos que se propõem a estudar o poema, há aqueles escritos por poetas. São poemas nos quais o autor lança teorias muito particulares em relação a esta composição artística, é a partir deles que podemos dizer que o poeta X escreve à Drummond ou à João Cabral. Creio ser de grande valia estudos que relacionem tais textos de diversos e estabeleçam semelhanças e/ou divergências. Surgirá daí, certamente, associações riquíssimas para o estudo da poética.

Ao me propor a estabelecer um diálogo entre Manuel Bandeira (Nova Poética) e Raul Seixas (Eu sou egoísta) buscando encontrar no segundo o molde sugerido pelo primeiro, sigo o modelo de amizade literária que pode ser encontrado em *O século de Borges*, de Eneida Maria de Souza. Não pretendo, então, afirmar que Seixas leu Bandeira, mas sim que há nele algo de Bandeira (ao menos, claro, neste texto). Pelo fato de que “a arte, notadamente a poesia, não se encontra ela própria diferenciada de outras manifestações culturais”² é que este diálogo se faz pertinente. Isto posto, vamos à conversa.

2. Nas esquinas

Tomo a liberdade de colocar Manuel Bandeira e Raul Seixas em esquinas distintas, uma defronte a outra, vem um caminhão...

NOVAPOÉTICA

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.

Poeta sórdido:

Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito,

Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem [engomada, e na primeira esquina passa um [caminhão, salpica-lhe o paletó ou a calça de [uma nódoa de lama:

É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

¹ CÂNDIDO, A. *Literatura e sociedade*. p.28

Sei que a poesia é também orvalho.

Mas este fica para as menininhas, as estrelas alfas, as virgens cem por cento e as amadas que envelheceram sem maldade.

Manuel Bandeira³

A sujeira esta feita e Bandeira vai apresentar o Poeta Sórdido e como deve ser sua poesia.

Já na primeira estrofe está toda a mensagem do poema: a poesia sórdida é aquela na qual existe a *marca* (limite, índice, lembrança) *suja da vida*, ou seja, é aquela na qual aparece a canalhice, o obsceno, o desmoralizado, o turvo, o desonesto da vida; aquela que é, pois, desprovida de lirismo exacerbado, real.

Na segunda estrofe começa a explicação. Um sujeito que sai de casa muito bem arrumado (“*roupa de brim branco muito bem engomada*”), não se pode ignorar a cor da roupa – branca – indicando pureza, leveza e o advérbio de intensidade *muito* que mostra o quanto era preocupado com a ordem, com a limpeza; já na primeira esquina tem a roupa suja de lama por um caminhão e vem a terceira estrofe em tom fatídico: “*É a vida*”, em outras palavras, a vida não é ordenada e límpida, é, antes, conturbada e turva (“*suja*”), cheia de pedras pelo caminho; e a poesia para melhor representá-la não pode ser “*muito bem engomada*” mas sim mostrar a face feia e dura da vida.

Na quarta estrofe a comparação, o poema de ser a mancha no brim do leitor e fazê-lo feliz de sentir-se aflito, é dizer, o poema não deve mais trazer deleite e suspiros, mas sim a angústia e a desesperança, ou de uma maneira menos trágica, evidenciar a vida em suas diversas facetas e não somente a ordenada e limpa.

A quinta estrofe prova que o poeta conhece e reconhece que a vida e a poesia têm outro lado; é o lado do “*orvalho*” “*para as menininhas*”, “*as virgens cem por cento*” e “*as amadas que envelheceram sem maldade*”, que é o mesmo que dizer o poema que trata de coisas pueris, ingênuas e oníricas serve somente para as pessoas puras, apaixonadas ou para crianças. Estas últimas estrofes são redundantes e servem para provar a teoria que o texto traz e que o poeta conhece bem as faces da poesia e da vida.

É importante salientar que a própria estrutura do poema corrobora sua mensagem: os versos são heterométricos (o segundo da segunda estrofe tem 49 sílabas enquanto o único da terceira tem 2), não há rima e tampouco a estrofação obedece a alguma rigidez, isto tudo reafirma que no poema o que deve figurar é a crueza da vida.

³ LIMA, A.A (Org.). Manuel Bandeira: poesia. 2. p. 79

Na outra esquina Raul Seixas⁴ não fica ileso:

EUSOUEGOÍSTA⁵

- 1 Se você acha que tem pouca sorte
- 2 Se lhe preocupa a doença ou a morte
- 3 Se você sente receio do inferno
- 4 Do fogo eterno, de Deus, do mal
- 5 Eu sou estrela no abismo do espaço
- 6 O que eu quero é o que eu penso e o que eu faço
- 7 Onde eu tô não há bicho-papão
- 8 Eu vou sempre avante no nada infinito
- 9 Flamejando meu rock meu grito
- 10 Minha espada é a guitarra na mão
- 11 Se o que você quer em sua vida é só paz
- 12 Muitas doçuras, seu nome em cartaz
- 13 E fica arretado se o açúcar demora
- 14 E você chora, cê reza, cê pede... implora...
- 15 Enquanto eu provo sempre o vinagre e o vinho
- 16 Eu quero é ter tentação no caminho
- 17 Pois o homem é o exercício que faz
- 18 Eu sei... sei que o mais puro gosto do mel
- 19 É apenas defeito do fel
- 20 E que a guerra é produto da paz

⁴ Raul Santos Seixas (1945 – 1989) é conhecido cantor e compositor de rock, dono de um estilo bastante eclético e de uma criticidade ácida, o baiano de Salvador viveu anos nos EUA para fugir da ditadura militar. Só conseguiu gravar seu primeiro disco compacto e com apenas duas músicas, que nem chegou a ser lançado, em 1964. Foi só em 1968, com o nome de Raulzito e os Panteras, que saiu o tão sonhado LP. A fase mais produtiva de Seixas se deu nos anos 70, “a frase mais negra da ditadura militar” (BOSI.1999, p.435), é aí que está o disco NOVO AEON de onde foi tirada a letra de Eu sou egoísta..

⁵ RAUL SEIXAS. Eu sou egoísta. In: Novo Aeon. São Paulo: Universal Music, 2002. CD. 13, 2’47

- 21 O que eu como a prato pleno
 22 Bem pode ser o seu veneno
 23 Mas como vai você saber... sem tentar?
 24 Se você acha o que eu digo fascista
 25 Mista, simplista ou anti-socialista
 26 Eu admito, você tá na pista
 27 Eu sou ista, eu sou ego
 28 Eu sou ista, eu sou ego
 29 Eu sou egoísta
 30 Por que não...

O texto de Seixas não é dividido em estrofes, coisa vulgar em se tratando de letra de música, fato que resulta em um único bloco de trinta versos com rima emparelhada, na sua maioria, e versos heterométricos, tudo muito condizente com a proposta de Seixas de fazer as coisas com bem entender, sem seguir muitas, ou nenhuma regra.

Logo nos quatro primeiros versos o eu lírico manda às favas aquelas pessoas que, por comodidade, apóiam-se em credences e superstições (“*receio do inferno/Do fogo eterno, de Deus, do mal*”) para eximir-se das responsabilidades de seus atos e/ou da culpa por serem ou sentirem-se incapazes diante de algo. Os seis versos subseqüentes mostram um eu lírico avesso, contrário a realidade e que acredita ter forças para mudá-la. Ele não espera uma intervenção divina, não espera ter facilidades, mas sim encarar a veracidade dos fatos, em outras palavras, não espera que a vida seja tranqüila, não faz em seus versos poesia de “*orvalho*”, mas sim de “*nódoa no brim*” de quem lê.

Dos versos onze a catorze o eu lírico faz nova referência a passividade, bandeando para a futilidade (“*seu nome em cartaz*”), para a puerilidade (“*E você chora, cê reza, cê pede... implora...*”) e para disciplina (“*só paz*”), ou seja, mais uma vez, de forma redundante, a poesia “*orvalho*”. Passa, nos três versos seguintes, a contrapor-se a isso, já que ele sempre vê os dois lados das situações (“*provo sempre o vinagre e o vinho*”) e até opta pelo caminho no qual haja mais obstáculos para serem transpostos porque assim é a vida, cheia de tortuosos caminhos difíceis e não se pode ignorar isto, portanto, mostra-se sabedor das facetas da vida (da mesma forma que ocorre em Nova Poética quando o eu lírico reconhece a poesia também como meio para falar de coisas belas) e crê que não se pode mais viver, apenas, de lirismo (“*este fica para as menininha*”) e, para melhor formar-se enquanto ser pensante,

é preferível o lado *SÓRDIDO*.

Seguindo, os versos 18 a 23 são a confirmação de que as coisas na vida são desordenadas, avessas, logo não há como escrever poemas que ignorem este fato. Quando algo parece bom é porque alguma coisa deu errado (“*o mais puro gosto do mel/É apenas defeito do fel*”). “*Eu sei...*”, afirma, como o “*É a vida*” bandeiriano, que não há outra saída, o máximo que se pode fazer é ignorar a crueza da vida, mas fazendo isso não viverá plenamente (“*Mas como vai você saber... sem tentar?*”).

Nos versos restantes, para comprovar o título, o eu lírico usa de referências históricas: fascismo e anti-socialismo, isto indicam uma idéia de centralização e antidemocracia, ou seja, ele se assume seguidor (“*ista*”) de si mesmo (“*ego*”) e não vê problema algum nisto (“*Por que não...*”), ora, se o mundo é conturbado e impõe diversos desafios e muitas pessoas fogem para não encará-lo, ele, para não ser igual e poder agir como pensa, é egoísta.

3 Máculas

A função da literatura é passar mensagem⁶ e isto tanto

Bandeira quanto Seixas conseguiram fazer e Bandeira tão bem, que foi possível encontrar traços de sua *nova poética* na letra de Seixas. Mas para uma conclusão mais acabada vale ainda algumas considerações.

Primeiro, alguém pode dizer que no texto de Seixas o *eu* do escritor está presente no texto, discordo, por mais que haja quem diga que suas letras são reflexo de sua vivência, o que há na verdade é o *fingimento* pessoano ou a *despersonalização* de Eliot⁷; não importa se o escritor passou ou não por determinada situação, mas sim que, no momento da leitura o leitor realize tal sentimento, “mesmo porque a emoção da arte é impessoal”⁸; evidentemente não se pode ignorar a união entre a arte e a vida, a estética e o cotidiano⁹.

Existem duas redundâncias bastante importantes na referida letra; uma na repetição, em forma de incitação, da palavra *você* e outras formas que indicam claramente um receptor; outra na freqüente ocorrência de formas que indicam o eu lírico (*eu, vou, Eu sei*), está última fundamental para a compreensão do texto e para reafirmar o título (Eu sou egoísta). Este mesmo fato leva a um hibridismo, pois este diálogo constante, por vezes, faz a letra

⁶ SARTRE, J.P. O que é literatura?.

⁷ ELIOT, T.S. Tradição e talento individual. In: .Ensaios. p. 37 – 48.

⁸ ELIOT, T.S. Tradição e talento individual. In: .Ensaios. p. 48.

⁹ SOUZA, E.M. O século de Borges.

da música parecer uma carta de desabafo.

A heterometria de ambos os textos e a ausência de rimas em Bandeira e as emparelhadas de Seixas, são mostras da pouca preocupação com convenções e regras (as rimas de Seixas explicam-se, creio, muito mais por se tratar de uma canção do que por cuidado formal); a poética moderna é livre, ou quase, de amarras.

Fazendo paralelos entre COMODIDADE X INICIATIVA, percebe-se que a letra traz a marca *suja da vida* em confronto com a poesia *orvalho* (tal qual sugeriu Bandeira), é mesmo que dizer que “propõe-se uma arte que esteja ao nível da vida prática, ou seja, tão natural como a respiração e o corpo”¹⁰.

Ao mostrar que há na vida dois lados, Seixas, usa a poesia sórdida como estopim para alertar sobre uma realidade dual e cabe a sociedade assumi-la ou transformá-la¹¹.

Maculados por uma mesma lama (a poesia sórdida), Bandeira e Seixas entreolham-se e percebem-se “como indivíduo(s) descentrado(s), inconstante(s), símbolo(s)”¹² da verdade móvel¹³. Parece, não impossível, mas difícil escapar à lama que voa de encontro com a realidade, e a poesia sórdida faz-se quase inevitável neste encontro imundo em um cruzamento de textos distantes no tempo mas próximos na essência.

REFERÊNCIAS

- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CÂNDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1973.
- ELIOT, T.S. Tradição e talento individual. In: *Ensaio*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo, Art Editora, 1989, p. 37 – 48.
- LIMA, A.A (Org.). *Manuel Bandeira: poesia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1983. (Nossos clássicos; v. 100).
- PERRONE, C.A. *Letras e letras da Música Popular Brasileira*. Trad. José Luis Paulo Machado. Rio de Janeiro: Elo, 1988.

¹⁰ SANT’ANNA, A.R. Música popular brasileira e moderna poesia brasileira. p. 250

¹¹ SARTRE, J.P. O que é literatura?. p. 65

¹² No original a frase está no singular, o plural é responsabilidade minha.

¹³ SANT’ANNA, A.R. Música popular brasileira e moderna poesia brasileira. p. 245

UNILETRAS 26, DEZEMBRO 2004

SANT'ANNA, A.R. *Música popular brasileira e moderna poesia brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1978.

SARTRE, J.P. *O que é literatura?*. São Paulo: Ática, 1999.

SOUZA, E.M. *O século de Borges*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.